

Maluf x Fernando Henrique

Eleição Presidencial - 2 SET 1996

GAUDÊNCIO TORQUATO

JORNAL DE BRASÍLIA

No jogo de conveniências e simulações, que é a política, os jogadores mudam de posição conforme o tempo. Defensores se transformam em atacantes e vice-versa. Vejam a questão da reeleição. De defensor ardoroso da reeleição, Maluf aparece, hoje, como o atacante principal da tese. Interessava-lhe continuar como prefeito de São Paulo. Elegendo Celso Pitta, habilita-se à candidatura presidencial, não lhe sendo conveniente enfrentar Fernando Henrique, certamente o mais forte candidato, caso a reeleição passe no Congresso.

A vitória política de Maluf, em São Paulo, deverá fortalecer os grupos contrários à reeleição, incluindo aí as oposições tradicionais dos partidos de esquerda (PT, PDT, PSB) e parcelas significativas do PMDB e PFL. Porém, não deverá ser considerada como fator decisivo para sepultar a tese. Primeiro, porque o dono da caneta principal continuará a ser Fernando Henrique. Vai usá-la certamente para assinar papéis de troca. Segundo, porque a reeleição está sendo aprovada pela população, ao mostrar suas preferências por candidatos situacionistas, indicados por prefeitos bem-sucedidos. Ou seja, dando vitória a Pitta, a população de São Paulo está, de certa forma, mostrando-se favorável à reeleição. Maluf terá dificuldades para achar outra explicação.

Há quem aposte numa corrida em direção a Maluf, depois das eleições. Não será bem assim. Há muita insatisfação contra o prefeito de São Paulo na própria bancada pebevista. Ele prometeu que iria ajudar os parlamentares na eleição de seus candidatos a

prefeito. A queixa é de que esqueceu tudo, concentrando-se apenas na candidatura de seu pupilo em São Paulo. Fernando Henrique, por sua vez, está energizando seus exércitos, colocando-os na fileira da reeleição. Conta com o trabalho de líderes de respeito, como Michel Temer (PMDB), o mais forte candidato à presidência da Câmara, identificado com o ideal de valorização da atividade parlamentar e defesa da instituição congressional.



O deputado Paes de Andrade, presidente do PMDB, não será bem-sucedido em sua tarefa de arregimentar forças contrárias à reeleição. Ele está usando os nomes de Sarney e Itamar Franco, mas tanto o presidente do Senado, raposa política, como o ex-presidente, interessado em voltar à cena principal, não vão se envolver diretamente numa disputa que tem muito a ver com a eleição para a presidência da Câmara. Como se sabe, Paes de Andrade faz cena para voltar a dirigir a Casa. Paes representa o passado,

o provincianismo, a política do conchavo. Trata-se de uma extensão de símbolos velhos e gastos, como Quércia, esse também interessado em derrotar a emenda da reeleição.

Sarney apenas quer dar tempo ao tempo. A questão, para ele, deverá ser discutida e decidida mais adiante. Itamar, um saudosista que pretende sentar na cadeira alta do Planalto, não se aventuraria a enfrentar a própria cria. Há, portanto, uma linha modernizante, comandada pelo pró-

prio presidente Fernando Henrique, que se integra ao clima da reeleição. Dir-se-ia que esse grupo trabalha com a idéia do país estável, preparado para grandes saltos de crescimento. E há um grupo com olhos particularistas, que enxergam apenas a meta de suas conveniências pessoais. A maioria do PMDB, liderada por Michel Temer, deverá ser favorável à reeleição. No PFL, a posição será semelhante, apesar do partido pensar numa candidatura própria, caso Fernando Henrique seja impedido de se candidatar.

Portanto, é arriscado afirmar que Maluf ganhará todas as disputas.

Vai ter de recuperar o terreno perdido junto aos parlamentares. E ainda deverá traçar limites claros que o separem de Quércia, Lula, Brizola, Paes de Andrade e outras figuras que povoam o cemitério político. E se as eleições confirmarem as atuais tendências, o povo estará dando mais uma lição aos governantes, aprovando a reeleição. Não haverá, portanto, saída: Maluf vai ter de enfrentar, mesmo, Fernando Henrique. O verão pós-eleitoral vai ser muito quente.

■ Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da USP e analista político